

TORNAR-SE CRISTÃO AO SE RECONHECER COMO SUJEITO: A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NO CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO.

Gilson de Oliveira Cardoso¹

É possível falar sobre a importância da orientação espiritual na contemporaneidade a partir de diferentes aspectos. O que eu me proponho a fazer é deter-me no assunto a partir das perspectivas da Antropologia Teológica, reconhecendo a orientação espiritual como uma necessidade antropológica, cuja finalidade é identificar no ser humano a imagem de Deus mediante a ação do Espírito Santo, e da Filosofia, tendo como pano de fundo duas ideias-chave: a orientação espiritual entendida como um processo constante de “tornar-se cristão”; e o desenvolvimento do “tornar-se cristão” relacionado ao processo de subjetivação do ser humano. Desta forma, espero também poder contribuir com alguma reflexão sobre o desafio proposto no Documento de Aparecida (2007): “A todos nos toca *recomeçar a partir de Cristo*, reconhecendo que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.

Para tanto, me apoiarei nas reflexões de duas dissertações de mestrado² que se aproximam deste objetivo. Além disso, colocarei em evidência as ideias pertinentes ao tema e discutidas ao longo do primeiro módulo do curso de Especialização em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Julgo oportuno realizar neste momento uma breve apresentação sobre a prática da orientação espiritual identificada, em outros autores, também como direção espiritual): nasceu no contexto pré-cristão e foi sendo reformulada a partir de seus conteúdos, cujo desenrolar se deu no deserto, quando a vida cristã se afastou dos núcleos comunitários.

Tendo a experiência cristã nascido essencialmente comunitária, ao se transformar o contexto, o ser humano sentiu a necessidade de procurar ajuda para entender a si mesmo e escutar a voz de Deus, pois a experiência de Deus só pode ser feita, ao mesmo tempo, no íntimo do coração e na relação com o próximo. Foi assim que alguns cristãos, considerados mais experientes na sua relação com Deus, começaram a ser procurados como pais. (PEIXOTO e AMADO, 2018, p. 13)

¹ Faculdade Dom Bosco. Pastoralista, licenciado em Filosofia, Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas e em Gestão Escolar, cursando especialização em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual. Mestre em Educação.

² “Direção Espiritual: contribuições teológico-filosóficas ao aperfeiçoamento da Vivência Cristã”; “Órfãos de pai e mãe: a necessidade antropológica da direção espiritual”.

Embora a orientação espiritual tenha assumido formas e métodos diferentes ao longo da história da Igreja, seu conteúdo sempre foi o mesmo: uma conversa fraterna entre dois cristãos, cujo assunto fundamental é a procura da vontade de Deus (BARRY; CONNOLLY, 1987, p. 22). Não é possível falar em orientação espiritual sem reconhecer a ação do Espírito Santo, pois é Ele que inspira no ser humano o desejo de abrir-se para Deus e para o irmão. Mesmo o desejo de fazer o bem e de ser salvo é gerado no seu coração por meio do Espírito (PEIXOTO; AMADO, 2018, p. 14). Ainda segundo os mesmos autores (2018, p. 32):

Atualmente, a Direção Espiritual passa por uma crise, que pode ser expressa sob vários aspectos: a) a palavra *direção* inspira uma rigidez que não se coaduna com o modelo antropológico contemporâneo; b) ainda que substituído o termo por *paternidade espiritual*, estabelece-se a crise de paternidade; c) ela supõe, ainda que erroneamente, perda da liberdade pessoal; d) o avanço das teorias psicológicas alimentou a esperança de solucionar problemas de ordem pessoal a partir de si mesmo, sem o concurso divino na história, para não haver interferência na liberdade.

Não obstante as dificuldades apresentadas, é possível observar atualmente nas pessoas também um grande desejo de se encontrar em Deus, descobrindo sua vontade. Para responder a tal anseio, vem sendo recuperada a formação de orientadores espirituais, tanto por meio de cursos de especialização, quanto pelo desenvolvimento da pastoral da escuta, uma forma de engajar os leigos no exercício do carisma da orientação espiritual (PEIXOTO; AMADO, 2018, p. 32).

A sociedade contemporânea pode ser caracterizada, entre outras coisas, pelo caráter individualista do ser humano e por certa insensibilidade para com o outro, características observadas igualmente na experiência eclesial. Não obstante, certamente que a Igreja tem meios de responder a tais necessidades humanas, e deve fazê-lo com profundo respeito à humanidade e, ao mesmo tempo, com espírito profético para sinalizar suas incoerências. Para Peixoto e Amado, (2018, s/p):

Um dos desafios que a Igreja enfrenta na atualidade é fazer com que a mensagem do Evangelho penetre nos corações humanos com profundidade, e isso se deve certamente à mentalidade hodierna, que exalta o individualismo. Existem diversas iniciativas pastorais que buscam atualizar sua linguagem para se tornarem capazes de falar ao coração do ser humano de hoje. Dentre essas, a Direção Espiritual, prática realizada no seio da Igreja desde os primeiros séculos, pode ser uma resposta coerente e mais compatível com a atualidade em virtude de sua própria dinâmica.

Tal afirmação permite direcionar a discussão sobre a importância da orientação espiritual cristã para uma perspectiva teológica, ao considerar que ela contribui para a compreensão e prática dos valores evangélicos, ao mesmo tempo em que é possível abordar a sua importância sob uma perspectiva mais filosófica, levando em conta as reflexões a respeito da realidade humana. E farei isto sem demarcar especificamente cada uma destas três perspectivas, uma vez que entendo fazer um maior sentido, auxiliando também na compreensão de uma visão integral do ser humano.

Manso (2019, p. 109), afirma que:

(...) na direção espiritual, o dirigido necessita se tornar um sujeito da verdade, no sentido de ocupar-se com os discursos verdadeiros. Um dos objetivos da direção espiritual é que o dirigido mesmo possa ser capaz de dizer a verdade. Pois é necessário testá-lo como sujeito suscetível de dizer a verdade, justamente para que ele saiba em qual ponto se encontra em seu processo de subjetivação.

Daí decorre a necessidade de entendermos adequadamente o conceito de subjetivação. Para tanto, é necessário dizer também que ele está relacionado a outro conceito, o de subjetividade, que por sua vez, diz respeito a reconhecer que qualquer pessoa possui características individuais, que a diferencia de outras pessoas; ou, dito de outro modo, reconhecer uma essência do sujeito que o diferencia em relação a outros sujeitos. Tendo tal ideia sobre subjetividade, podemos entender que subjetivação é o processo de formação da subjetividade; é tudo aquilo que torna cada ser humano um ser único; é o “tornar-se sujeito”. Por exemplo, a vida social, a aquisição da linguagem, a escolarização, as escolhas filosóficas ou profissionais são exemplos de como a subjetivação vai consolidando uma subjetividade. Detendo-me no entendimento de Michel Foucault³ (1926-1984) sobre tais conceitos, posso afirmar que o autor apresentou uma abordagem histórica da questão da subjetividade, denominando os modos de subjetivação, que são as práticas de constituição do sujeito, ou as formas de atividade sobre si mesmo. Tais modos de subjetivação, para Foucault, podem ser vistos a partir de um sentido amplo, no qual o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e poder. Além disso,

A experiência de si que cada um é, dá origem ao que comumente chamamos de consciência ou subjetividade pessoal, que é constituída por dois polos, um subjetivo e um objetivo. No polo objetivo passam as palavras e as frases que dirigimos a nós mesmos e aos outros. O polo subjetivo é mais difícil de definir, pois atua por detrás de nós para nos projetar para a frente, nos habita e nos acompanha, situando-se entre o consciente e o inconsciente, sendo a fonte inesgotável do que somos, o lugar de nossos desejos, de nossas paixões, de nossas criações artísticas e profissionais, de nossas decisões, do empenho de nossa liberdade. Esse polo nunca está só, pois se encontra, sem cessar, ligado ao polo da linguagem e com o exterior através de nossas relações e de nossa ação. É a dualidade desses polos que nos permite refletir, como um espelho reflete nossa imagem. Toda a reflexão que se faz supõe esse movimento de vai e vem entre os polos subjetivo e objetivo. (MORI, 2022, p. 6)

Como vimos, é esse polo subjetivo da consciência que permite ao ser humano o empenho pela própria liberdade. E a partir da ideia de liberdade é ainda possível falar sobre a dimensão da Fé. Entendida primeiramente como um dom de Deus, a fé também pode ser percebida pela perspectiva de liberdade do ser humano, que se dispõe, exercendo livremente a capacidade de acolhida, a escutar um anúncio ou proclamação (querigma). Aplicada

³ Filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário. Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais.

especificamente ao seguimento de Jesus Cristo, o significado de fé assume o adjetivo de cristã, podendo ser entendida em sua realização concreta: a existência de alguém que se diz cristão e busca viver sua vida a partir dessa “identidade”. Para Mori (2022, p. 9):

a forma mais aparente do crer é o crer religioso, que se apresenta sob várias formas, em geral organizadas em “instituições do crer”, muitas das quais, na atualidade, em perda de credibilidade, diante de um sujeito que prefere ele mesmo “fabricar” sua ordem do crer, ou declarar-se crente, mas sem nenhuma instituição de pertencimento.

No entanto, para além da fé religiosa, Sesboué (1999), ao tratar do ato de crer e da fé, diz que o ato de crer é essencial à condição humana, um ato nobre e autenticamente humano, que intervém em nossa vida independentemente do crer religioso. Neste sentido, é pertinente a reflexão de Toniol (2022, p. 31) sobre a dimensão da espiritualidade contemporânea. Para o autor:

A lógica que relaciona modernidade, individualismo religioso e espiritualidade tem ganhado destaque nos trabalhos mais recentes dedicados ao tema. No entanto, também é possível encontrar em formulações clássicas da sociologia. Por exemplo, como já observado por outros autores, o trabalho de Troeltsch, em sua teoria sobre igrejas e seitas, também inclui um terceiro tipo de organização cristã, a mística, na qual não há qualquer impulso organizacional. Esse terceiro tipo é particularmente interessante para Troeltsch porque, embora o impulso para o misticismo individual esteja presente em toda a história cristã, a modernidade alterou a relação entre a autoridade individual e a institucional e, com isso, apresentou um novo potencial para que esse impulso se libertasse das instituições religiosas [...] Esse misticismo moderno, que se consolida fora das igrejas, antiautoritário e que privilegia a experiência individual, forneceu as bases para a imaginação sociológica sobre o que chamamos de espiritualidade e para a sua autonomização com relação à religião. Troeltsch reconhece o misticismo individualista como fundamentalmente antagônico à natureza real do cristianismo. Ele argumenta que seus vínculos com o “romantismo” e com o liberalismo moderno são problemáticos, não porque enfatizam a experiência individual e si (como muitas outras formas de misticismo cristão fizeram ao longo da história), mas porque não possuem senso de solidariedade nem e fé na autoridade. O declínio da religião na modernidade secular, na perspectiva de Troeltsch, não significa que a autoridade religiosa institucional tenha perdido seu apelo sobre os indivíduos, mas que agora a religião não incide mais com facilidade ou cruza outros campos de conhecimento que não sejam os seus.

Pedindo desculpas pela citação excessivamente longa, justifico que foi conscientemente mantida devido à relevância das ideias presentes, as quais nos fazem perceber a importância de se questionar, entre outras coisas, sobre a necessidade da orientação espiritual para o cristianismo contemporâneo e, principalmente, sobre a forma como é realizada, não somente a partir do interno da Igreja, o que o Documento de Aparecida (2007) chama de pastoral de conservação, mas também dos anseios e necessidades das pessoas, o que não significa render-se ao modelo desejado por elas. Por exemplo, o misticismo individualista de que fala Toniol (2022) não significa, necessariamente, uma rejeição ao senso de comunidade, mas uma nova percepção sobre o mesmo. A comunidade, para o indivíduo contemporâneo, é uma reunião que visa ao seu bem particular, mais que ao bem comum. Se ela atende aos seus objetivos, não há mal em

viver em um grupo. É o que podemos chamar padrão do acampamento, conforme Bauman (2001).

Diante de tais ideias relacionadas ao processo de subjetivação do ser humano e às dimensões da fé e da espiritualidade, recordo que elas estão estritamente relacionadas com o processo de “tornar-se cristão”⁴. Além disso, tanto o processo de subjetivação quanto a vida de fé e o tornar-se cristão são realidades do ser humano sobre as quais o orientador espiritual tem papel importantíssimo para um desenvolvimento humano mais conforme aos desejos de Deus. Segundo Mori (2022, p. 3):

Jesus, em sua pregação, sobretudo nos evangelhos sinópticos, fala do “reino de Deus”, ou seja, o processo de formar Cristo em quem nele encontra a razão última de sua existência, é um processo que não se reduz a algo intimista, que implica somente a pessoa, pois tem dimensões sociais e cósmicas. Tudo é chamado a transparecer Cristo, a ser cristificado.

Temos presente nesta citação de Mori a ideia de um “processo de formar Cristo em quem n'Ele encontra a razão última de sua existência”, o que bem podemos traduzir pela ideia inicial de “tornar-se cristão. Esse tornar-se cristão exige, em primeiro lugar, que a pessoa perceba em sua própria vida um encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo, que só pode ser compreendido a partir de uma perspectiva de fé assumida livremente. Como para os discípulos de Emaús (Lucas, 24, 13-35) que encontraram Jesus pelo caminho, cada ser humano também pode, em um momento específico da própria vida, realizar uma experiência singular de encontro com Deus. Tal experiência, se acolhida livremente pela fé, continua ao longo da vida, através de muitos outros encontros, que tornam possível a “formação do Cristo” naquele que o encontrou.

No percurso teológico, o tornar-se cristão não é só objeto de experiência e convicção, nem se reduz a mero discurso com finalidade proselitista. Ele deve justificar-se perante a razão, como mostra a 1Pd 3,15, que exorta o fiel a estar sempre pronto a responder, para sua defesa, a todo aquele que pedir a razão de sua esperança. (MORI, 2022, p. 4)

Ao responder sobre a razão da própria esperança, entendido aqui como o processo realizado através da orientação espiritual, o cristão deve estar atento para não se distanciar da sua essência de liberdade e autenticidade. A partir das reflexões realizadas por Foucault sobre a espiritualidade no Ocidente⁵ é possível dizer que através da espiritualidade presente na

⁴ Neste sentido, é oportuno mencionar que alguns autores elaboraram uma espécie de compêndio no qual apresentam os conteúdos da fé e os articulam. É o caso do Curso fundamental da fé, de Karl Rahner, da Introdução ao cristianismo, de Joseph Ratzinger, de Pensar e viver a fé no terceiro milênio, de Bernard Sesboué, da coleção dos pequenos opúsculos denominada Deus para pensar, de Adolf Gesché, da obra Ser cristão: fé e prática, de Johan Konings.

⁵ A espiritualidade como “cuidado de si” aparece no conjunto dos escritos do filósofo Michel Foucault como decorrência de suas pesquisas em torno das relações entre o sujeito e a verdade, enquanto ministrava aulas no *Collège de France*, em 1982. Estas aulas foram editadas no Brasil como livro em 2004, sob o título “A Hermenêutica do sujeito”.

orientação espiritual a pessoa pode experimentar a liberdade. Em uma aula ministrada em 1982, Foucault menciona a noção de espiritualidade a partir de um diálogo entre Sócrates e Alcibíades, relatado por Platão. Neste diálogo, Alcibíades quer aprender sobre o que é necessário para governar os outros e Sócrates aconselha um preceito: “Conhece-te a ti mesmo”, que está estritamente relacionado a outro preceito: “cuidado de si”. Aplicando os preceitos para a questão do governo, a ideia de “cuidado de si” foi gradativamente transportada para o “cuidado com o outro” (MANSO, 2019).

Se na visão de Alcibíades, para cuidar dos outros o princípio fundamental é cuidar de si mesmo, para Foucault (2004), o poder pastoral cristão transformou o “cuidado de si” em renúncia de si, controle de si e cuidado pelos outros. Com isto o autor quer dizer que a espiritualidade deu lugar a uma orientação espiritual cheia de regras e proibições que não levam o orientando a uma transformação autêntica, impedindo-o de viver sua verdadeira vocação cristã, que se trata de fazer uma opção pelo anúncio do Reino de Deus para todas as pessoas. Tal forma de espiritualidade mencionada por Foucault se apresenta como dispositivo para a produção de novas subjetividades, como meio de o indivíduo explorar novas formas de se constituir como sujeito de maneira concreta e efetiva, desde que estando atento aos dispositivos de dominação que podem se instalar durante a prática da orientação espiritual.

A relação presente entre o orientador e o orientando na orientação espiritual não pode se dar a partir de uma relação de poder, pois atrás do mecanismo de poder encontram-se presentes os dispositivos de coação, disciplina e controle do orientando. Para Foucault, cabe resistir a esse tipo de dispositivo de poder que impede a subjetividade autônoma de fluir na orientação espiritual e também o amadurecimento da dimensão da liberdade. Para Foucault (apud Manso 2019, p. 108), “o cristianismo não era uma religião da lei, mas da renúncia da vontade, em que o exame de consciência é feito, então, para marcar, ancorar ainda mais a dependência do outro”. Por outro lado:

Quem se dedica à direção espiritual, sobretudo em nome da Igreja, não deve desconsiderar essas observações e resistir a toda forma de dominação e controle do outro. Deverá respeitar a vida do dirigido em todas as suas fases, abrindo-se a ele e operar para o seu bem, cultuando os valores do Reino de Deus e vivendo segundo os princípios do Evangelho, com referência às Bem-Aventuranças. É preciso estimular o dirigido a combater tudo o que o fecha em si mesmo e favorece a vontade de instrumentalizar os outros, isto é, dominar (MANSO, 2019, p. 108 e 109).

O entendimento sobre espiritualidade desenvolvido por Foucault (2004) permite perceber que na prática da orientação espiritual de hoje é necessário estar atento à dinâmica do “cuidado de si” e “cuidado do outro”, afim de que toda a potencialidade de aproximação a Deus através do processo de “tornar-se cristão” não seja suprimida pela manifestação de dependência

ou necessidade de controle, tanto da parte do orientador, quanto do orientando. Neste sentido, cabe lembrar o argumento de Toniol (2022, p. 32) de que a espiritualidade “é uma categoria de uso político poderoso, cujo apelo universalizante, ligeiramente distinto da noção de religião e alinhado com o enquadramento secular, produz efeitos significativos”. Mesmo que tal ideia esteja relacionada ao conceito de espiritualidade enquanto uma categoria no campo das pesquisas científicas, é importante estar atento ao fato de que, de alguma forma, a relação de poder pode, sim, se fazer presente na prática da orientação espiritual, sobretudo quando consideramos os “aportes de certa filosofia política foucaultiana em que o conceito e suas características são situados nos jogos de relações de poder que os configuram e os transformam historicamente” (TONIOL, 2022, p. 24).

Se por um lado Foucault faz uma crítica contundente a respeito dos dispositivos de coação, disciplina e controle que podem se fazer presentes na prática da orientação espiritual, por outro, recordo o aprendizado que podemos adquirir a partir da relação mestre-discípulo presente em muitas das escolas filosóficas da Antiguidade⁶, que refere, entre outras coisas, à: 1. Importância da disciplina (é interessante notar que nesse caso se tratava da aquisição de uma disciplina que englobava a pleno título também o corpo; o progresso espiritual implicava também uma dietética e exercícios físicos de purificação, treinamento e ascese); 2. Responsabilidade no cuidado (o mestre assume um papel educativo que o torna responsável por seus discípulos, que o procuram porque estão insatisfeitos com suas existências e à procura do Absoluto, seja lá como ele for definido); e 3. Exemplo (o mestre de sabedoria, por outro lado, assume uma segunda função fundamental: a de iniciar o discípulo em uma vida espiritual, que se presume que ele mesmo já a tenha percorrido, indicando-lhe os obstáculos a serem superados, os métodos a utilizar, a meta a ser perseguida). Atualizando essa relação mestre-discípulo para o modelo de orientação espiritual contemporânea, podemos destacar, ainda, a relação de proximidade e acompanhamento. Penso que esta forma de relacionamento promove, com o tempo, uma “cumplicidade” necessária para ambos: o orientando pode sentir mais confiança e segurança no orientador, “abrindo-se sem barreiras” quanto às suas dificuldades e limitações, a fim de se desenvolver sempre mais; e o orientador, por sua vez, pode conhecer profundamente as moções e motivações internas do orientando, tendo condições de propor orientações mais assertivas.

Conforme Manso (2019, p. 87):

⁶ Aprendizado este, construído na disciplina de História e Fundamentos da Orientação Espiritual do curso de Especialização em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

No cristianismo atual, o que se faz necessário é estabelecer um caminho autêntico de encontro com Jesus Cristo, por meio do qual o dirigido busca gradativamente o conhecimento de Deus, das pessoas e da Natureza. Esse processo de amadurecimento da fé na direção espiritual deve motivar o dirigido a vivenciar o projeto de Jesus Cristo, tornando-o um discípulo no meio em que vive. O processo precisa proporcionar ao indivíduo uma formação integral, com seu testemunho cristão e trabalho para uma sociedade mais justa e fraterna.

O próprio Jesus Cristo faz isto a partir dos pobres e excluídos, com aqueles que não apresentavam lugar na convivência humana do sistema social de sua época. Esta forma de vida de Jesus apresenta uma orientação muito clara: não é possível conviver com ele e continuar apoiando um sistema que marginaliza. Além disso:

A adesão à pessoa de Jesus Cristo implica a adesão aos valores do Reino de Deus por Ele anunciado e, conseqüentemente, o testemunho comunitário de uma nova proposta sócio –religiosa, com implicações nos âmbitos econômicos e políticos. Este testemunho comunitário não se efetiva por meio de sujeitos ideais, mas por pessoas reais, cuja subjetividade se vê implicada necessariamente pela pessoa de Jesus. É no jogo dessas diferentes subjetividades em formação que emerge o papel do diretor espiritual, em relação ao qual emerge simultaneamente a figura do dirigido. (MANSO, 2019, p. 9).

Como disse anteriormente, o ser humano deve ser percebido de forma integral, sendo impossível separar as suas diferentes dimensões – espiritual, afetiva, intelectual, social, emocional, etc. Desta forma, o “tornar-se cristão” está intimamente relacionado com a forma de “tornar-se pessoa”, ou, como venho dizendo até aqui, com o processo de subjetivação. Por meio da sua capacidade intelectual/reflexiva em sintonia com a dimensão da espiritualidade, o orientando é capaz de discernir a voz de Deus e o sentido da própria vida, além de fazer escolhas livres por valores mais profundos e transcendentos; através dos sentimentos e emoções, responde às impressões provocadas por estímulos vindos do mundo externo. Por isso é necessário na comunidade eclesial, haver pessoas que se dediquem à orientação espiritual com o objetivo de acompanhar os outros no caminho do Espírito e no seu processo de amadurecimento da fé; por isso é necessário haver pessoas “capazes de acolher o ser humano na situação real e atual e, por meio de um contato individualizado, ajudá-lo a redescobrir sua vocação primordial, abrindo seus olhos para os irmãos e para o mundo ao seu redor, e incentivando-o a reassumir a responsabilidade por gerar comunhão” (PEIXOTO; AMADO, 2018, p. 23); pessoas sensíveis à história pessoal de vida e à maneira como Deus se manifesta na vida das pessoas; sensíveis aos diferentes modos de enxergar a vida e de enfrentar as dificuldades. É urgente “a retomada da prática da Direção Espiritual como instrumento eficaz para restabelecer o contato de cada pessoa com Deus. A partir desse contato, sua consciência de membro do Corpo de Cristo, a Igreja, é fortalecida, e a dimensão comunitária da fé é restaurada” (PEIXOTO; AMADO, 2018, p. 23).

REFERÊNCIAS:

- BARRY, W. A.; CONNOLLY, W. J. *A prática da Direção Espiritual*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MANSO, M. R. *Direção Espiritual: contribuições teológico-filosóficas ao aperfeiçoamento da Vivência Cristã*. São Paulo, 2019. 112 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MORI, G. Apostila sobre *ser cristão: fé e prática*. Para uso dos estudantes ECOE 5. 2022.
- PEIXOTO, C. H.; AMADO, J. P. *Órfãos de pai e mãe: a necessidade antropológica da Direção Espiritual*. Rio de Janeiro, 2018. 109 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SESBOÜÉ, B. *Pensar e viver a fé no terceiro milênio*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.
- TONIOL, R. *Espiritualidade Incorporada: pesquisas médicas, usos clínicos e políticas públicas na legitimação da espiritualidade como fator de saúde*. Porto Alegre: Zouk, 2022.